MINHA HISTÓRIA NO MUSEU DO IPIRANGA (2)

Estórias inconclusas, reminiscências, estilhaços... Submersos em águas azuis do tempo lá na arca da memoria. E de tudo que passou ficou um pouco; e um pouco de tudo ficou!...

IPIRANGA, em mim, é uma ilha a ligar de mares do passado e do futuro, onde navego por rotas d'águas descobertas e inventadas. No arruado do bairro eu só brincava com brinquedo meu inventado; e comprado eu não tinha não... Morava num quase ermo de casas da piçarra que era a Antônio Marcondes; alheada de margens, sem jeito de rua; e nada quase não passava ali, depois encobriram todo mato com passadeira de asfalto. Mas, aquela rua melhorava muito de eu morar nela com minha família e meus amigos.

O CARVOEIRO, meu pai, botou naquela freguesia vendinha de carvão. Á tardinha, sentava-se na frente do negócio, desfrutando da fresca despedindo-se dos dias. Era bonito, de finas feições, alegre, de fartos cabelos brancos; vestia-se com largas calças risca-de-giz; e mangas-de-camisa arregaçadas até seus bíceps, emprestando-lhe força e rusticidade. Puxava a carroça a nossa Égua Baia; manca do quarto traseiro direito. A cocheira, lá longe, era nas baixadas da Vila Carioca, e para lá, descíamos aos anoiteceres. Chegados, desencilhávamos a Égua Baia para descanso e cocho de alfafa. No lusco-fusco, retornávamos encosta acima entre os matagais. O Carvoeiro vinha assoviando e divertindo-me com estórias, e falava coisas da Independência. Subindo a Dois de Julho, ultrapassada a pinguela, abríamos as braguilhas... E caminhávamos, assobiámos e mijávamos!... Riscando desenhos no chão; no rés do pó. Aí, associei assobiar imitando passarinhada com Liberdade. No assobio nunca consegui imitar meu pai direitinho não...

Não me desapeei dessa carroça; e dias há que ouço barulhos da carroça sobre os paralelepípedos, e os tinidos da sineta chamando freguesia. Tim-tim!...Tim-tim-tim!... Acudiam todos aos portões, janelas, frestas... Donas-de-casa, idosos, crianças, passantes, vira-latas...

Escorriam os dias, e esses dias, me fizeram, e fui crescendo, no devagar depressa dos tempos, descobrindo gentes, lugares, estórias e histórias do bairro do Ipiranga.

A MURALHA - Incerta vez, íamos pela Estrada das Lágrimas; e contou-me que chegara, por ali, de osso e carne, o jovem regente, numa jornada de herói, voltando de visitar os vicentinos; e que lá iam vivendo, espremidos entre o mar e montanhas.

Vacilava a manhã naquele quase dia; sem alvorada, de nevoeiro, e neblinava serra acima quando rumaram para a vila de Piratininga. O sonho de libertação viajou na algibeira do Príncipe, montado numa besta baia gateada. Galgaram a pedregosa Calçada do Lorena, e vinham de entre muitos tropeços e contratempos; desapeando no meio da serra para descansar os muares e a tropa.

A grande muralha superada, só eram campos despovoados; de gente e casas, e de longe em longe, se viam pequenas roças e cupinzeiros, e aparecia aqui e ali alguma casinha de morador.

GRITO DO IPIRANGA - Travessia difícil, dadas ás larguras dos campos, e o silêncio que encorpava o ermo traspassado. Ora e ora, paradas para descanso, e, vez pós vez, para as precisões das cólicas do Príncipe. Arribaram na meia encosta da Colina do Ipiranga aonde o arroiozinho ia ali se indo d'águas minguas pro Tamanduateí, e emoldurava toda a paisagem.

Então, á galope afoito, chegaram cartas pelo correio-real para o Príncipe. Padre Belchior, as recebeu, leu, e aconselhou: "Não há outro caminho senão a independência". Princesa Leopoldina manuscrevia: "Senhor, o pomo está maduro, colhe-o já!" O Príncipe revelou indecisão... Depois, solene, perante a guarda, desembainhando seu florete gritou: "Independência ou Morte". Desde então, o Brasil vem trilhando seus próprios quereres e querências.

A INDEPENDÊNCIA - Menino, muita coisa quase que de nada não sabia, só dispunha de desconfianças e cismas... A emancipação precisava afazeres persistentes; como beatas rezando, num sem-fim, intermináveis contas do rosário; igual a cantos de galos do campo, onde cada galo apanha o grito anterior e o lança mais longe, para outros galos, e vão desvelando a matinada. Cocoricó!... Cocoricóó!... ...Cocoricó!!.. Cocoricóóó!!...

COLINA DO IPIRANGA atinava que era ela própria memória da Independência, lá na sua geografia de escultura corcovada, na cumeeira do outeiro, e tudo que nela habita e adorna, de seus lugares aparentados, e mais as memórias que beiradejaram o sobrechegado grito acontecido.

Imaginava haver uma linha, de sentido de Sul para Norte, ligando a vila de São Vicente e a Vila de São Paulo; e na meia trajetória dela, no curso desse custoso destino; parou-se na Colina.

Das condecorações e galardões, que moram na cumeada da Colina - Horto Botânico, Palácio-Monumento, Jardins Franceses, Casebre, Monumento da Independência, Pira e Altar da Pátria, Pavilhão da Bandeira; tenho carinho por todos, e agora aqui homenageio só o que posso:

PALACIO-MONUMENTO é a arca das bagagens e memórias para as reflexões históricas, lá no erguido do cume, casarão de arquitetura neoclássico de simetrias absolutas, proporções áureas, e contrastes de cheios e vazios. Na delicada epiderme das fachadas, seus finos aviamentos: de arcos plenos, frontões, colunatas, capitéis e volutas, cornijas, brasões, rosáceas...

No átrio interior, todo o espaço é inundado pela luz zenital do domo; a escadaria abalaustrada coroa-se de delicadas ânforas de cristal, expondo águas de rios brasileiros. No centro da composição, no nicho em abside, imóvel, abriga-se o audaz e imponente bronze de D. Pedro I.

JARDINS FRANCESES, são vestíbulo á céu aberto, e antecipadores da visitação do Palácio, paisagismo de rigorosas simetrias com desenhos de moldura de gramados, de topárias de buxos e azaleias, abrigando canteiros centrais de rosas. Fontes, cascatas e repuxos d'águas são desfrutados, pelas caminhadas entre os passeiozinhos, aléias e lindas esplanadas. Tudo é fluição!

HORTO BOTÂNICO; lá, pelas trilhas, assaltam-me epifanias, surgimentos e sopros... Respiro palpando seus ares, ventos, cheiros de malva e de lembranças. Na privança das árvores, seus caules são como pilares; arcobotantes, e arcadas que se constroem de inusitada igreja. Há árvores soberbas, pináculos ensimesmados, só querendo o ar, o céu e azul. Inventam-se catedral gótica, e lá dentro de sua nave, avoam cores e levezas de borboletas; e mais á noitinha, ali e acolá, voejam estonteadas, luzinhas verdes de vaga-lumes.

O Pau-brasil, Cedro, Jatobá, Filgueira, a Embaúba, Sucupira formam miríade, a concórdia do Bosque, desregulada só pela desordem e gorjeios de periquitinhos-verdes, bem-te-vis, tico-ticos, sabiá-laranjeiras, joões-de-barro e pardais, que desaparecem de cantar, irresponsáveis que são de seus rumos, e vão flertar com as pitangueiras, goiabeiras e jambeiros. Despercebido..., distraído de mim, me junto ao coral dos chilros; e trinados da passarinhada... E caminhando eu vou... Alegre assobio... Fiú!... Fiúú!... Assobiando pelas trilhas de piçarra do Bosque... Êita!... Liberdade gostosa que é essa a minha!... Fiú!... Fiiúu!!... Fiiiúúú!!... Fiiiúúú!!!...